RBE Revista Baiana de Enfermagem
Artigo Original
DOI 10.18471/rbe.v39.62925

INSERÇÃO E ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS NA ASSISTÊNCIA EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA

INSERTION AND PERFORMANCE OF NURSES IN OBSTETRIC NURSING

INSERCIÓN Y ACTUACIÓN DE ENFERMEROS EN LA ASISTENCIA EN ENFERMERÍA OBSTÉTRICA

Welinton Justino Amaral[1]
Ludmila de Oliveira Ruela[2]
Juliana Cristina dos Santos Monteiro[3]
Juliana Stefanello[4]
Flavia Azevedo Gomes-Sponholz[5]
Maria José Clapis[6]
Mônica Maria de Jesus Silva[7]

Como citar este artigo: Amaral WJ, Ruela LO, Monteiro JCS, Stefanello J, Gomes-Sponholz FA, Clapis MJ, et al. Inserção e atuação de enfermeiros na assistência em enfermagem obstétrica. Rev baiana enferm. 2025;38:e62925.

Objetivo: analisar a inserção e atuação de enfermeiros obstetras na assistência de enfermagem obstétrica, na perspectiva de gênero. Método: estudo de abordagem qualitativa que utilizou o gênero como referencial conceitual. Os participantes foram enfermeiros obstetras, com atuação em hospitais e maternidades no Brasil. A coleta de dados ocorreu em ambiente virtual, por meio de entrevistas semiestruturadas, por videoconferência, de março a agosto de 2023. Os dados foram analisados por análise temática. Resultados: participaram seis enfermeiros obstetras e dos depoimentos emergiram duas categorias temáticas, evidenciando equilíbrio nos obstáculos para inserção na área de trabalho, além de dificuldades e desafios relacionados ao gênero na atuação diária. Considerações finais: o enfermeiro obstetra enfrenta o reflexo dos fatores culturais e sociais, como o histórico feminino da profissão de enfermagem, a aceitação social, preconceitos e estereótipos que impactam em sua inserção e atuação na área de cuidado à mulher no ciclo gravídico-puerperal.

Descritores: Enfermagem Obstétrica. Enfermeiros. Pessoal de Saúde. Área de Atuação Profissional. Perspectiva de Gênero.

Objective: to analyze the insertion and performance of obstetrician nurses in obstetric nursing care, from a gender perspective. Method: qualitative approach study that used gender as conceptual reference. The participants were obstetric nurses, working in hospitals and maternity hospitals in Brazil. Data collection took place in a virtual environment, through semi-structured interviews, by videoconference, from March to August 2023. Data were analyzed by thematic analysis. Results: six obstetrician nurses participated and two thematic categories emerged from the testimonies, showing balance in the obstacles to insertion in the work area, as well as difficulties and challenges

Autora correspondente: Mônica Maria de Jesus Silva, monicamjs@usp.br

[1] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0009-0002-7646-3186.
[2] Centro Universitário de Lavras. Lavras, MG, Brasil. https://orcid.org/0000-0001-9071-539X.
[3] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0000-0001-6470-673X.
[4] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0000-0003-3926-0144.
[5] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0000-0003-1540-0659.
[6] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0000-0002-2896-3808.
[7] Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. https://orcid.org/0000-0002-4532-3992.

Editora Chefe: Nadirlene Pereira Gomes
Editora Associada: Rosana Maria de Oliveira Silva

related to gender in daily performance. Final considerations: the obstetric nurse faces the reflection of cultural and social factors, such as the female history of the nursing profession, social acceptance, prejudices and stereotypes that impact on their insertion and performance in the area of care to women in the pregnancy-puerperal cycle.

Descriptors: Obstetric Nursing. Nurses, Male. Health Personnel. Professional Practice Location. Gender Perspective.

Objetivo: analizar la inserción y actuación de enfermeros obstetras en la asistencia de enfermería obstétrica, desde una perspectiva de género. Método: estudio de enfoque cualitativo que utilizó el género como referencial conceptual. Los participantes eran enfermeras obstetras, con actuación en hospitales y maternidades en Brasil. La recogida de datos se realizó en un entorno virtual, mediante entrevistas semiestructuradas, por videoconferencia, de marzo a agosto de 2023. Los datos fueron analizados por análisis temático. Resultados: participaron seis enfermeros obstetras y de los testimonios surgieron dos categorías temáticas, evidenciándose equilibrio en los obstáculos para la inserción en el área de trabajo, además de dificultades y desafíos relacionados con el género en la actuación diaria. Consideraciones finales: el enfermero obstetra enfrenta el reflejo de los factores culturales y sociales, como la historia femenina de la profesión de enfermería, la aceptación social, prejuicios y estereotipos que impactan en su inserción y actuación en el área de cuidado a la mujer en el ciclo gravídico puerperal.

Descriptores: Enfermería Obstétrica. Enfermeros. Personal de Salud. Ubicación de la Práctica Profesional. Perspectiva de Género.

Introdução

O perfil dos profissionais de enfermagem apresenta, como característica histórica, uma predominância de trabalhadoras do sexo feminino, fato que remonta aos primórdios da profissão, quando Florence Nightingale modernizou a enfermagem e a predispôs voltada para mulheres, considerando-as naturalmente preparadas para o cuidado e a caridade[1].

Embora tenha havido menos homens na enfermagem nos tempos modernos, sua presença é significativa para a profissão, e em todo o mundo, o seu número aumentou, o que pode ser devido ao declínio atual na taxa de natalidade e à falta de recrutamento na área de enfermagem, o que abalou o cenário da profissão de enfermagem dominada por mulheres[2].

Apesar do aumento, os homens representam aproximadamente apenas 10% da equipe de enfermagem do mundo[3], e o número de enfermeiros do sexo masculino e a necessidade clínica de enfermeiros do sexo masculino aumenta a cada ano[4]. No Brasil, as mulheres têm dominado a profissão desde a organização da enfermagem na sociedade brasileira.

Nos anos mais recentes, com a evolução da profissão, a enfermagem ganhou espaços com modificações nos papéis atribuídos e desempenhados, e a incorporação de atividades e atitudes diferentes em diversos momentos. Tais fatos ampliaram a participação do homem na carreira e tornaram a proporção entre homens e mulheres enfermeiros um pouco menos discrepante.

Nesse cenário, o que se observa é que os fatores culturais e sociais foram predominantes para a exclusão do sexo masculino da enfermagem, e isso ainda é uma realidade em muitas áreas de atuação do enfermeiro, como a obstetrícia[5]. Nessa especialidade, a ausência ou a pequena presença de profissionais do sexo masculino torna-se mais evidente. Tal fato se deve ao contexto histórico, visto que, até o século XVIII, o parto era considerado um ritual de mulheres e ficava a cargo das parteiras[6].

Dados evidenciam que a maioria das contratações para enfermeiros homens em hospitais não incluem setores, como ginecologia e obstetrícia, sendo mais recrutados para ambientes de emergência e terapia intensiva[7]. É notório que o número de enfermeiros que trabalham em maternidades é bem menor se comparado com o número de profissionais mulheres, vez que ainda há uma divisão de gênero entre homens

e mulheres quando se trata da prestação de cuidados de enfermagem[8].

Essa relação entre a enfermagem e o gênero feminino demonstra que há determinantes na segregação técnica, política e social do trabalho, que interfere diretamente no menor valor profissional para quem atua nessa área[3]. Assim, evidencia-se a necessidade premente de romper paradigmas relativos ao gênero na enfermagem, e, em especial, na enfermagem obstétrica, superar obstáculos e preconceitos ao ingresso e atuação de enfermeiros do sexo masculino, abrindo caminho para rupturas importantes de estereótipos relacionados à prática do cuidado obstétrico.

Embora os esforços para reduzir a discriminação e as diferenças de gênero estejam se tornando evidentes nas comunidades educacionais e instituições de saúde, as pesquisas ainda são dispersas para explorar a experiência de enfermeiros em áreas onde os homens devem fornecer cuidados a clientes do sexo feminino, como a enfermagem obstétrica.

Frente ao exposto, justifica-se este estudo, que busca responder ao seguinte questionamento: O enfermeiro obstetra, do sexo masculino, enfrenta dificuldade na inserção e atuação na assistência em enfermagem obstétrica no Brasil?

O objetivo do estudo foi analisar a inserção e atuação de enfermeiros obstetras na assistência em enfermagem obstétrica, na perspectiva de gênero.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo. A apresentação dos resultados foi orientada pelo Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ)[9]. O gênero, enquanto categoria de análise, constituiu o referencial conceitual da pesquisa.

A categoria gênero aborda a construção histórica e social das relações de poder entre os sexos e diferencia o sexo biológico do sexo social. O sexo biológico caracteriza-se pelas diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. O sexo social, por sua vez, refere-se à expressão que essas diferenças assumem nas distintas sociedades, no transcorrer da história[10].

Os participantes do estudo foram enfermeiros obstetras, do sexo masculino, que atuam em hospitais e maternidades no Brasil. Os participantes foram selecionados conforme os critérios de inclusão: ser enfermeiro, do sexo masculino e ter especialização em enfermagem obstétrica. Os critérios de exclusão foram: não atuar na área de enfermagem obstétrica no momento da pesquisa, não responder ao convite de participação e a indisponibilidade para agendamento da coleta de dados; estes dois últimos critérios foram considerados após três tentativas sem sucesso.

O estudo foi realizado em ambiente virtual. A coleta de dados foi realizada de março a agosto de 2023, de forma on-line. O recrutamento dos participantes foi realizado por mídias sociais, como Facebook®, Instagram® e WhatsApp®. Nessas mídias, a divulgação continha os objetivos da pesquisa, as implicações éticas, os procedimentos a serem realizados para a coleta de dados, o link e o QR Code de acesso à página on-line da pesquisa. Também foi utilizada a estratégia Bola de Neve, na qual os participantes enviaram o link para pessoas que se enquadraram nos critérios de participação da pesquisa, com o intuito de abranger ainda mais o público-alvo.

Foram recrutados oito enfermeiros, sendo dois excluídos por indisponibilidade de agendamento para coleta de dados. Após a realização das entrevistas com os seis participantes, identificou-se o ponto de saturação, quando nenhuma nova informação ou nenhum novo tema foi registrado. Dessa forma, após discussão e consenso entre os autores do estudo, concluiu-se a coleta de dados, pois se alcançou a saturação teórica dos dados, e as novas informações produziram pouca ou nenhuma revelação significativa[11].

A conclusão após seis entrevistas foi considerada adequada para alcançar a saturação e baseou-se na obtenção de dados ricos e com densidade que proporcionaram o entendimento aprofundado das experiências dos participantes. Amostras entre 6 e 12 entrevistas podem ser suficientes para alcançar-se informações com alto nível de confiança, contanto que haja uma verdade externa, como foi observada neste estudo, em que os enfermeiros compartilharam experiências comuns que compõem verdade[12].

Os participantes acessaram a página on-line da pesquisa através de link e QR Code, desenvolvida pelas pesquisadoras na plataforma GSuite® com a utilização da ferramenta de gerenciamento de pesquisas Google Forms®. Na página on-line da pesquisa, os participantes leram as informações sobre o objetivo da pesquisa; os aspectos éticos referentes às questões de consentimento, confidencialidade, garantia do sigilo de suas identidades, além da possibilidade de recusar a participar ou interromper sua participação a qualquer momento. Posteriormente, os participantes foram direcionados para a página que continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e após concordarem, prosseguiram para a próxima página do formulário eletrônico.

Os participantes preencheram o formulário eletrônico, de autoria dos pesquisadores, formado por questões objetivas em duas partes. A primeira parte continha a caracterização do participante com variáveis socioeconômicas, demográficas e de formação profissional, tais como idade, estado marital, religião, renda, cor da pele, formação profissional (graduação e pós-graduação) e tempo de atuação profissional.

A segunda parte continha o agendamento da entrevista, com possíveis datas e horários para o participante escolher. Após o agendamento, foi enviado o link para acesso à sala virtual da entrevista, por e-mail e/ou mensagem via WhatsApp®. Na data e horário agendados, a entrevista foi realizada de forma on-line e síncrona, por videoconferência, por meio da ferramenta Google Meet®, conduzida por um dos autores do estudo, aluno de graduação em enfermagem, do sexo masculino e que recebeu treinamento.

A entrevista seguiu um roteiro desenvolvido pela equipe de pesquisa, composto por perguntas norteadoras sobre inserção e atuação profissional na assistência em enfermagem obstétrica. O roteiro estava organizado em duas áreas principais de pesquisa: inserção no mercado de trabalho e atuação profissional. As anotações de campo foram realizadas após as entrevistas. As entrevistas foram gravadas em vídeo, mediante a autorização do participante, e tiveram duração média de 15 minutos. Embora esse tempo possa ser considerado curto para explorar em profundidade as experiências e percepções dos participantes sobre um tema complexo, como o papel de gênero na enfermagem obstétrica, ressalta-se que o objetivo do estudo foi alcançado, tendo em vista que a relação do que se fala (o discurso) com as condutas dos indivíduos, isto é, as práticas sociais, não se restringe apenas ao tempo de fala.

Os dados de caracterização dos participantes foram analisados de forma descritiva por frequência simples. As entrevistas foram transcritas em formato digital por um pesquisador e os dados foram analisados por dois pesquisadores, por meio da análise de conteúdo, na modalidade temática, a qual compreende três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação[13]. Os depoimentos foram organizados sistematicamente e os temas derivados dos dados foram agregados em categorias temáticas.

O conteúdo das entrevistas foi organizado após a transcrição integral de todas as gravações, preservando-se sua originalidade. Em seguida, realizou-se uma leitura exaustiva do material, seguida de sucessivas releituras e de uma exploração minuciosa, com o objetivo de identificar os elementos relevantes para responder aos objetivos da pesquisa.

A análise dos discursos baseou-se na análise de conteúdo temática proposta por Bardin, que se fundamenta na identificação de significados recorrentes, expressos em unidades de sentido, de forma a alcançar o objeto de estudo[13]. Procurou-se estabelecer categorias que representassem expressões significativas, organizando o conteúdo dos discursos em torno desses eixos. As etapas de pré-análise, exploração, inferência e interpretação dos dados foram conduzidas de maneira rigorosa, conforme a metodologia referida.

As questões relacionadas à inserção profissional na área da enfermagem obstétrica, bem como os aspectos da atuação cotidiana, emergiram com frequência nas falas dos participantes e foram abordados de forma detalhada na análise. A interpretação dos dados considerou ainda

a perspectiva de gênero, conforme previamente delineado.

A presente pesquisa seguiu as normas da Resolução n. 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sob Parecer n. 5.865.687. Para garantir o anonimato dos participantes, utilizou-se o sistema alfanumérico "E" (Enfermeiro) seguido do número sequencial de 1 a 6 (E1 a E6).

O consentimento livre e esclarecido dos participantes foi obtido de forma virtual, por meio do TCLE disponibilizado eletronicamente antes do início da coleta de dados. O documento apresentava de forma clara os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios, bem como a garantia de sigilo, anonimato e a liberdade para desistência a qualquer momento, sem prejuízo algum ao participante. A participação somente foi autorizada após a leitura integral do TCLE e o registro do aceite por meio de um campo específico de confirmação ("Li e concordo em participar da pesquisa"), configurando o consentimento formal para participação.

Resultados

Participaram do estudo seis enfermeiros, com idade entre 25 e 59 anos, média de 39,1 anos, havendo uma distribuição igualitária de 33,3% nas faixas etárias entre 20 e 29 anos, 30 e 39 anos, 50 e 59 anos. Prevaleceram os participantes casados/com companheiro(a) (66,6%), com religião (83,4%), brancos (83,4%) e renda acima de cinco salários mínimos (66,6%), sendo a renda média de 6,1 salários mínimos, mínimo de três e máximo de nove salários.

A maioria dos enfermeiros formou-se no curso de Bacharel em Enfermagem (66,6%), em universidade privada (83,4%), e concluiu a especialização em enfermagem obstétrica na modalidade lato sensu (83,4%). Além disso, um enfermeiro cursou a residência em enfermagem obstétrica (16,6%), dois possuíam mestrado (33,3%) e um doutorado (16,6%).

Entre os enfermeiros, 50% [3] possuíam menos de 5 anos de experiência na área de enfermagem obstétrica. A atuação profissional se dividiu entre a assistência em saúde em maternidades (50%) e docência na área da enfermagem obstétrica (50%). Os enfermeiros atuavam em instituições nos estados de São Paulo (50%), Bahia (16,6%), Tocantins (16,6%) e Amazonas (16,6%).

Em relação à análise dos dados, emergiram duas categorias temáticas: Inserção na área de trabalho em enfermagem obstétrica entrelaçada pelos papéis de gênero e Atuação diária em enfermagem obstétrica: dificuldades e desafios relacionados ao gênero, apresentadas a seguir:

Inserção na área de trabalho em enfermagem obstétrica entrelaçada pelos papéis de gênero

Observou-se um equilíbrio entre a inserção no mercado de trabalho em enfermagem obstétrica, sendo que a metade dos participantes não encontrou obstáculos.

> *Não, eu não tive nenhuma dificuldade porque quando eu trabalhava na supervisão noturna, lá nos anos 2000, não tinha médico de plantão no hospital e os partos dos noturnos acabavam sobrando para mim* […] *Então, o que aconteceu, eu busquei a especialização de obstetrícia em 2000 justamente para eu pegar a qualificação, porque eu tinha um certo medo de fazer parto e não ter a qualificação de obstetra, por mais que a minha faculdade era em enfermagem e obstetrícia, mas pela carga horária ser maior foi daí que eu busquei a especialização em obstetrícia e daí não parei mais de fazer parto.* (E1).

> *Não, na enfermagem obstetra eu tenho uma passagem bem interessante, houve um processo seletivo aqui na maternidade, a melhor daqui da cidade era uma vaga para supervisor como enfermeiro obstetra, eu concorri com 14 mulheres, só eu de homem, achei que eu iria encontrar uma resistência, mas o processo foi se avançando, eu continuando no processo, até que sobrou somente 5 candidatos. Eu via que meu potencial comparado com os demais colegas ele dava uma enaltecida, até que veio a surpresa que fui o primeiro classificado, eu já tinha uma história aqui na cidade, pois eu era professor aqui na universidade, uma das nossas universidades aqui montou o curso de enfermagem obstetra e já logo me chamou.* (E4).

Entre os enfermeiros que enfrentaram dificuldades, foram citados os obstáculos relativos ao sexo biológico masculino e às relações de gênero:

> *Na minha cidade em especial, eu não tive dificuldade. Em outra cidade, nessa época eu já tinha trabalhado*

> *como enfermeiro na área de enfermagem obstétrica, em centro obstétrico, e eu não consegui em nenhum momento ser inserido. Inclusive em algumas entrevistas de pós-aprovação na prova teórica, o entrevistador perguntou quais eram as minhas áreas de atuação, minha área de domínio e eu mencionei que meu último vínculo tinha sido na área de enfermagem obstétrica e aí ela mencionou que lá eles não contratavam homens para esse setor.* (E2).

> [...] *já havia sofrido alguns desafios e empecilhos durante a própria graduação, na própria disciplina de saúde da mulher, inclusive eu não fui monitor da disciplina por ser homem, do sexo masculino. Então, não havia abertura para esse espaço. Eu fiquei pensando se realmente valeria a pena, porque eu escutava das próprias professoras da graduação que o mercado de trabalho era muito restrito, que a enfermagem obstétrica para homem não teria mercado futuro, que eu deveria pensar muito sobre isso e que se eu insistisse nessa área, eu acabaria ficando na parte administrativa ou trabalharia em alojamento conjunto, que é quando eu tenho contato com mãe e bebê e não diretamente com a mulher que passa pelo processo de parir, onde a gente está ali na sua intimidade, na sua privacidade.* (E3).

> *Existe sim essa dificuldade por conta da figura masculina e das mulheres normalmente se sentirem confortáveis e serem assistidas por outras mulheres, levando em consideração que quando a gente fala do contexto e cenário do trabalho de parto e parto é um momento em que a mulher se encontra mais vulnerável né, levando em consideração a privacidade dela, mas assim, de uma forma geral, ser homem e assistir uma mulher, existe sim restrições em alguns pontos.* (E5).

A vivência de obstáculos não se restringe ao mercado de trabalho e, por muitas vezes, está presente no contexto da formação do enfermeiro, durante a graduação e pós-graduação, abrangendo ainda a seleção para o mercado de trabalho:

> *E eu acho que também parte do pressuposto de que a própria sociedade, as próprias famílias não reconhecem esse processo formativo de que, de fato, o homem pode sim estar prestando cuidado e assistência durante o ciclo gravídico puerperal ou durante o processo do ciclo vital de saúde da mulher e isso me remete não só ao processo de formação de colegas enfermeiros como eu.* (E3).

> *Se você for parar para olhar as vagas para enfermagem obstétrica, você vai ver que eles estão chamando "enfermeiras obstetras" e não "enfermeiros". Abre para todo mundo, mas eles sempre fazem a contratação de enfermeiras obstétricas. Então, eu confesso para você que num olhar de uma perspectiva de quem está de fora, eu acredito que a primeira dificuldade que a enfermagem obstétrica dentro do contexto masculino é essa questão de o direcionamento das vagas serem para mulheres, outras mulheres, e não para homens. Não vou te dizer que é impossível você se inserir como homem dentro do contexto obstétrico, não é, mas existe mais dificuldade, eles tendem a contratar muito mais mulheres para cuidar de outras mulheres do que homens.* (E5).

Atuação diária na enfermagem obstétrica: dificuldades e desafios relacionados ao gênero

Em relação à atuação diária na enfermagem obstétrica, os participantes informaram enfrentar dificuldades no ambiente de trabalho relacionadas ao gênero masculino e à aceitação social da atuação de um homem na saúde da mulher, sendo observados no ambiente clínico questionamentos e/ou desconforto das pacientes.

> *Uma paciente que estava em processo de abortamento e estava fazendo o preparo do colo com misoprostol, e aí eu senti uma certa resistência. Eu acabei explicando para ela que eu era o único enfermeiro do plantão e teria que ser eu, e perguntei se tudo bem e ela acabou concordando. Na assistência mesmo ao parto eu nunca tive nenhuma paciente que se recusou.* (E2).

> *Eu também sou professor de estágio supervisionado e a gente está na ESF e eu confesso para você que eu já fui tirado de sala porque as mulheres não queriam nem ter o anticoncepcional administrado por mim por ser homem.* (E5).

As dificuldades perpassam o ambiente clínico e também estão presentes no cenário acadêmico, onde se evidencia uma resistência no contexto da docência e pesquisa na área de Enfermagem em Saúde da Mulher.

> *Diretamente na minha atuação de trabalho que é a pesquisa e docência, diariamente eu enfrento. Normalmente, quanto maior a faixa etária, mais resistentes eles são, tanto o meu processo de ensino e os deles de aprendizagem. E sempre me questionam de fato como eu consigo ainda estar envolvido na disciplina de saúde da mulher sendo homem.* (E3).

Entre os depoimentos merece destaque a dificuldade na atuação diária relacionada com o fato da enfermagem ser uma profissão historicamente feminina, o que reforça os estereótipos relacionados ao gênero e aos papéis de gênero.

> *A enfermagem, por ser uma profissão essencialmente feminina desde a sua origem e em toda a sua construção, é algo que ela* [paciente] *tem uma opção* [entre mulheres], *tem um leque de oportunidades.* (E6).

Cabe ressaltar a ausência de dificuldades na atuação diária em enfermagem obstétrica vivenciado por alguns participantes, como reflexo do

espaço profissional e respeito conquistados com a equipe.

> *Não, não enfrentei. Eu tinha um respeito muito grande por parte dos médicos* […]. *Então, nos dois hospitais que eu atuei diretamente em sala de parto, eu nunca tive nenhum problema graças a Deus, nunca tive nada que desabonasse a função. Sempre fui muito respeitado, assim nunca tive problema nenhum.* (E1).

> *Eu era o único enfermeiro obstetra no plantão diurno, não tinha enfermeiro obstetra no hospital, no outro plantão noturno não tinha e eu era referência para todo o hospital, assim como também para toda a equipe médica. Eu atuava muito em parceria com eles* [médicos]. *Eles acreditam muito na minha propedêutica, eu era muito assertivo, então, isso foi um facilitador também.* (E4).

Na percepção dos enfermeiros, há desafios para maior atuação na área de enfermagem obstétrica que perpassam pelo enfrentamento do preconceito com a categoria profissional, o estereótipo feminino na enfermagem e na enfermagem obstétrica, e a prioridade de atuação para enfermeiras mulheres.

> *Então eu acho que o enfermeiro obstetra, quem está ingressando, ou quem está aí mudando de hospital, de local de trabalho, ainda enfrenta essa resistência que eu percebo que ela é mais do sistema, independente se é um convênio ou se é o SUS. Eu acho que como o pessoal vê muito a enfermagem, acho que a construção da nossa profissão como um todo ela é muito voltada para a mulher.* (E2).

> *A inserção do profissional enfermeiro obstetra no mercado de trabalho frente à questão obstétrica, prioriza muito mais mulheres do que homens. Se tiver uma vaga para enfermagem obstétrica e tiver um homem e uma mulher compartilhando, tentando aquela vaga, a prioridade é para uma mulher do que para um homem.* (E5).

Discussão

Todas as mulheres, recém-nascidos e suas famílias têm o direito a cuidados de qualidade fornecidos por um(a) enfermeiro(a) profissional clinicamente competente. A Associação de Saúde da Mulher e Enfermagem Obstétrica e Neonatal (Association of Women's Health, Obstetric and Neonatal Nurses) (AWHONN) sustenta que enfermeiros(as), independentemente do gênero, devem ser empregados(as) em enfermagem com base em sua capacidade de fornecer tais cuidados[14].

No entanto, nossos achados demonstraram que a realidade da atuação dos enfermeiros do sexo masculino na área da obstetrícia, no Brasil, é permeada por dificuldades de inserção na área de trabalho e perpassa pelas questões relacionadas ao gênero, à formação profissional, aceitação social do homem na área e ao histórico feminino da profissão de enfermagem.

A profissão de enfermagem é complexa e exige um currículo bem elaborado que possa aprimorar o conhecimento e as habilidades dos alunos em vários campos da saúde, com exposições teóricas e clínicas que forneçam harmoniosamente aos alunos oportunidades iguais para apreciar todos os campos da enfermagem[15].

No entanto, as preferências de carreira dos estudantes de enfermagem variam de acordo com suas percepções e experiências clínicas. Durante a formação em enfermagem, as questões de gênero, muitas vezes, se fazem presentes e contribuem para as escolhas futuras dos enfermeiros, conforme demonstrado em estudo realizado em Macau, na China, onde a enfermagem obstétrica e ginecológica foi a especialidade de preferência para o trabalho de alunos de enfermagem do sexo feminino[16].

Após a formação, dados de estudos brasileiros demonstram as dificuldades dos enfermeiros obstetras do sexo masculino ao tentar se inserirem na área da enfermagem obstétrica, como a preferência dos contratantes e/ou gestores da área em optar pela contratação de enfermeiras obstetras do sexo feminino[7], ou ainda, o preconceito que esses profissionais homens enfrentam devido à sua orientação sexual[5].

No contexto de atuação da enfermagem obstétrica, sabe-se que os estudos que se propõem a investigar os papéis desempenhados, os serviços existentes e as possibilidades de ampliação quantitativa dos enfermeiros na área ainda são incipientes, ganhando relevo os dados que alertam para a transformação histórica ocorrida na enfermagem masculina e os preconceitos relacionado ao gênero, destacando-se os fatores culturais e sociais predominantes para a exclusão do sexo masculino na enfermagem, como evidenciado neste estudo.

Essa realidade, sem dúvida, expõe como a sociedade brasileira, de forma específica, ainda é permeada por concepções e estereótipos de

gênero[3]. No campo da enfermagem obstétrica, esse cenário ganha outras dimensões, realçando um contexto ainda predominado por profissionais do sexo feminino, como demonstrado em estudo com membros do American College of Nurse-Midwives (ACNM), no qual 97,4% se identificaram como mulheres, 2,5% como homens e 0,1% como outros[17].

As dificuldades dos enfermeiros se articulam não somente ao gênero, como também à aceitação social deste profissional atuando na promoção à saúde e assistência ao parto em mulheres, como destacado nos resultados deste estudo. Esses aspectos estão relacionados, por si só, devido ao processo histórico de feminilização da profissão, uma vez que o cuidado com os pacientes é associado a engrenagens da feminilidade[18], o que gerou grande desproporção na profissão com menos de 10% de homens na força de trabalho de enfermeiros em muitos países, como os EUA[19].

É possível afirmar que há um preconceito enraizado no senso comum da sociedade quanto ao enfermeiro obstetra, realidade que o acompanha na vida social e profissional na atualidade, assim como, em algum nível, na docência[1], como observado nesta investigação.

Essas assimetrias podem contribuir para a desvalorização do cuidado do enfermeiro obstetra do sexo masculino, os quais são, não raras as vezes, ofuscados pelo paradigma de gênero que culmina na falta de reconhecimento e de valorização de suas atividades, contribuindo para uma visão deturpada de seu trabalho tanto pelas pacientes quanto pelas instituições[20-21].

Apesar de historicamente a enfermagem ser associada como uma profissão feminina, atualmente, é possível identificar um crescimento do processo de masculinização, isto é, da inserção da presença de pessoas do sexo masculino na área. Entretanto, embora a literatura tenha ressaltado que a estrutura da enfermagem mudou substancialmente nos últimos anos, essas mudanças nem sempre provocaram uma mudança na percepção do público sobre a enfermagem e ainda existem as barreiras e dificuldades para homens que ingressam na enfermagem.

Para atender às necessidades de indivíduos e populações, é preciso a disponibilidade de uma força de trabalho de enfermagem sustentável e qualificada[22-23]. Neste contexto, o crescimento e a sustentabilidade da profissão de enfermagem dependem, em grande parte, da capacidade de recrutar e reter novas gerações de enfermeiros[24-25].

Sabe-se que o gênero não é qualificação para exercer a profissão de enfermeiro(a) e que a discriminação de gênero no emprego é ilegal. Além disso, não há evidências de que enfermeiras prestem cuidados superiores aos enfermeiros nas áreas de saúde da mulher, enfermagem obstétrica ou neonatal[14]. Entretanto, as implicações práticas da força do gênero fazem com que na enfermagem obstétrica, em especial, as dificuldades não se restringem apenas ao mercado de trabalho, como observado no presente estudo, mas abrangem o recrutamento de profissionais do sexo masculino e o perfil dos profissionais contratados[26].

Assim, juntamente com os desafios dos processos de recrutamento e retenção, os esforços devem ser direcionados ao desenvolvimento de uma profissão mais inclusiva que considere examinar e promover as vantagens que a diversidade de gênero pode trazer à enfermagem[27].

Estudo do Egito destacou que 53% dos alunos de enfermagem do sexo masculino relataram que as mulheres estavam lidando com eles com restrições, enquanto 25% relataram que as mulheres se recusaram a lidar com eles no parto, durante o estágio clínico de enfermagem de maternidade, na Universidade do Cairo[28]. Já no Brasil, a figura masculina dos enfermeiros obstetras causou estranhamento e desconforto para a mulher no momento do parto, conforme estudo realizado em Salvador, Bahia[29].

Em relação ao aperfeiçoamento e qualificação profissional, ganha destaque igualmente a necessidade desses profissionais terem a oportunidades de desenvolver construções teórico-reflexivas durante seus processos de formação na área da enfermagem obstétrica, em especial, nas discussões sobre gênero, saúde e corpo, seja em residências profissionais ou ainda em

programas de mestrado ou doutorado. Essa realidade possibilita ao enfermeiro a transformação de pensamentos e práticas que contribuem para a qualificação das práticas assistenciais ofertadas nos sistemas de saúde, sejam públicos ou privados, além dessa realidade ter embasamento e respaldo legal baseado na Lei Exercício Profissional de Enfermagem no Brasil.

A ausência de dificuldades na atuação diária em enfermagem obstétrica evidenciada neste estudo destaca fatores relacionados à conquista de espaço profissional e o respeito. Neste contexto, destacam-se dois elementos: o respeito profissional e a valorização enquanto enfermeiro nas unidades de trabalho. Em termos estatísticos, cerca de 78% dos entrevistados naquela investigação afirmaram não terem ou experimentarem dificuldades na inserção na área da enfermagem obstétrica, dados que se aproximam da realidade observada no presente estudo, em que 50% referiram esse contexto[27].

A segurança técnica em sua atuação como obstetra e também a segurança relativa à estabilidade no emprego, sem dúvida, tornam muito mais fácil a atuação do enfermeiro obstetra[26], confirmada no estudo desenvolvido.

Os desafios para o enfermeiro na atuação na enfermagem obstétrica evidenciadas neste estudo permearam a superação do preconceito, estereótipo e a priorização de atuação de mulheres na área, apontamentos que são pertinentes e que afetam não só o desenvolvimento profissional, como também a empregabilidade de enfermeiros obstetras do sexo masculino, em especial aqueles que não possuem experiência assistencial e buscam por uma primeira oportunidade.

A demarcação de gêneros ao longo da história do atendimento perinatal foi acompanhada por uma série de estereótipos, sendo difícil escapar do preconceito e de estereótipos que têm séculos de peso. Além disso, na sociedade de forma geral, a crença de que o gênero deve definir ou ditar o papel de alguém é generalizada e profunda. São discussões que demandam um investimento na conscientização tanto do público-alvo, representado pelas mulheres, quanto da própria sociedade, que se reflete nas práticas de contratação das instituições de saúde[30].

Desta forma, toda e qualquer ação referente à superação dessa problemática deve considerar que o cuidado com a mulher extrapola as especificidades biológicas e concernentes a sua saúde, havendo grande influência das relações entre os gêneros e dos papéis a eles atribuídos. Se os reflexos do gênero se configuram em uma realidade, é necessária a promoção de atividades de reflexão e discussão sobre a prática, em que experiências pessoais de enfermeiros possam ser coletivizadas para se pensar mudanças e superação dos desafios, com avanço real sobre as práticas da profissão.

Compreende-se que a limitação deste estudo pode concentrar-se no número de participantes, o que pode limitar a generalização, porém entende-se que os achados aqui apresentados não podem ser desprestigiados, pois apresentam vivências importantes de enfermeiro em três regiões diferentes do Brasil (Sudeste, Nordeste e Norte) frente a uma temática relevante para a formação profissional em enfermagem.

O estudo contribui para a área da enfermagem e enfermagem obstétrica ao refletir sobre a formação e atuação profissional permeada por questões de gênero, evidenciando sentidos e significados latentes acerca da temática investigada.

Considerações Finais

O enfermeiro obstetra enfrenta o reflexo dos fatores culturais e sociais, como o histórico feminino da profissão de enfermagem, a aceitação social, os preconceitos e estereótipos, que impactam em sua inserção e atuação na área de cuidado com a mulher no ciclo gravídico-puerperal. Os paradigmas relacionados ao gênero na profissão de enfermagem ainda reforçam o preconceito e impõe obstáculos e desafios para o ingresso e manutenção no cuidado com a mulher promovido por um homem.

Integrar uma profissão essencialmente feminina, que tem como foco o cuidado de outras mulheres, traz em seu bojo características

peculiares ao gênero que desvelam a necessidade de abrir-se caminhos para rupturas destinadas à inclusão em uma área pouco acessada por homens, como a enfermagem obstétrica, tendo em vista que a profissão de enfermagem não possui gênero, e sim uma ampla possibilidade de práticas, pautadas no saber técnico-científico, no compromisso e na ética. Na prática, tais rupturas atrelam a valorização profissional da enfermagem como promotora do cuidado em saúde, a qual não se limita a mulheres.

Pesquisas futuras são necessárias para entender de forma mais abrangente o gênero em sua complexidade nos contextos de cuidado com a saúde das mulheres, com vistas à construção de espaços de transformação social que não perpetuem as desigualdades e dificuldades por ele impostas.

Colaborações

1 – concepção e planejamento do projeto: Welinton Justino Amaral e Mônica Maria de Jesus Silva;

2 – análise e interpretação dos dados: Welinton Justino Amaral e Mônica Maria de Jesus Silva;

3 – redação e/ou revisão crítica: Welinton Justino Amaral, Ludmila de Oliveira Ruela, Juliana Cristina dos Santos Monteiro, Juliana Stefanello, Flavia Azevedo Gomes-Sponholz e Mônica Maria de Jesus Silva;

4 – aprovação da versão final: Maria José Clapis e Mônica Maria de Jesus Silva.

Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse.

Disponibilidade de dados

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Referências

1. Harrison T. Florence Nightingale's legacy on the role of men in community nursing. Br J Community Nurs. 2021;26(6):302-6. DOI: https://doi.org/10.12968/bjcn.2021.26.6.302
2. Mulkey DC. The History of Men in Nursing: Pioneers of the Profession. J Christ Nurs. 2023;40(2):96-101. DOI: https://doi.org/10.1097/CNJ.0000000000001040
3. Buchan J, Catton H. COVID-19 and the International Supply of Nurses [Internet]. Geneva (CH): International Council of Nurses; 2020 [cited 2024 Aug 15]. Available from: https://www.icn.ch/system/files/documents/2020-07/COVID19_internationalsupplyofnurses_Report_FINAL.pdf
4. Terry D, Peck B, Carden C, Perkins AJ, Smithet A. Traversing the Funambulist's Fine Line between Nursing and Male Identity: A Systematic Review of the Factors that Influence Men as They Seek to Navigate the Nursing Profession. Eur J Investig Health Psychol Educ. 2020;10(3):691-703. DOI: https://doi.org/10.3390/ejihpe10030051
5. Parga EJS, Sousa JHM, Costa MC. Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA. Rev baiana enferm. 2001;14(1). DOI: https://doi.org/10.18471/rbe.v14i1.3846
6. Jefferson E. How history shaped the modern day midwife. Pract Midwife [Internet]. 2017 [cited 2024 Aug 15];20(1):23-25. Available from: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30730629/
7. Cui N, Wang R, Song F, Jin J. Experiences and perceptions of male nursing students in a single-sex class: A qualitative descriptive study. Nurse Educ Pract. 2021;51:102996. DOI: https://doi.org/10.1016/j.nepr.2021.102996
8. Mokdad L, Christensen M. Women's experiences of male nursing and midwifery care: An inductive content analysis of blog posts from an open-access parenting site. Nurs Forum. 2021;56(2):291-7. DOI: https://doi.org/10.1111/nuf.12545
9. Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. Int J Qual Heal Care. 2007;19(6):349-57. DOI: https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm04
10. Fonseca RMGS. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ, organizadoras. Enfermagem e saúde da mulher. 2 ed. Santana do Parnaíba: Manole; 2012. p. 30-68.
11. Fontanella BJB, Luchesi BM, Saidel MGB, Ricas J, Turato ER, Melo DG. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. Cad Saúde Pública.

2011;27(2):388-94. DOI: http://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020

12. Guest G, Bunce A, Johnson L. How Many Interviews Are Enough? An Experiment with Data Saturation and Variability. Field Methods. 2006;18(1):59-82. DOI: https://doi.org/10.1177/1525822X05279903

13. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec; 2004.

14. Association of Women's Health, Obstetric and Neonatal Nurses (AWHONN) - Position Statement. Gender Bias in Women's Health, Obstetric, and Neonatal Nursing. Nurs Womens Health. 2016;20(3):327. DOI: https://doi.org/10.1016/S1751-4851(16)30146-5

15. Alharbi TAF. Nursing students' perceptions on community care and placement preference in Saudi Arabian universities: A multicenter cross-sectional study. Nurse Educ Today. 2023;130:105939. DOI: https://doi.org/10.1016/j.nedt.2023.105939

16. Hsu MHK, Ye QH, Ling MH. Career Preferences among Nursing Students: A Cross-Sessional Study. SAGE Open Nurs. 2022;8:23779608221094538. DOI: https://doi.org/10.1177/23779608221094538

17. Bly KC, Ellis SA, Ritter RJ, Kantrowitz-Gordon I. A Survey of Midwives' Attitudes Toward Men in Midwifery. J Midwifery Womens Health. 2020;65(2):199-207. DOI: https://doi.org/10.1111/jmwh.13060

18. Carlsson M. Self-reported competence in female and male nursing students in the light of theories of hegemonic masculinity and femininity. J Adv Nurs. 2020;76(1):191-8. DOI: https://doi.org/10.1111/jan.14220

19. Smiley RA, Ruttinger C, Oliveira CM, Hudson LR, Allgeyer R, Reneau KA, et al. The 2020 National Nursing Workforce Survey. J N Regul. 2021;12(1):S1-S96. DOI: https://doi.org/10.1016/S2155-8256(21)00027-2

20. McMillan AJ. Realising the value of nursing and midwifery. Aust Health Rev. 2020;44(2):169. DOI: https://doi.org/10.1071/AHv44n2_ED1

21. Pieszak GM, Gomes GC, Rodrigues AP, Wilhelm LA. As relações de poder na atenção obstétrica e neonatal: perspectivas para o parto e o nascimento humanizados. Rev Eletrônica Acervo Saúde. 2019;(26):e756. DOI: https://doi.org/10.25248/reas.e756.2019

22. Ali DA, El Houate B, Adane M, El Koutbi M, Houmam I, El Meniari A, et al. The Pedagogical Use of Information and Communication Technologies from Nursing Students' Perspectives. J Educ Online. 2024;21(1). DOI: https://doi.org/10.9743/JEO.2024.21.1.11

23. Chirico F. Navigating global challenges in the workplace: Innovative strategies for combating burnout, preventing workplace violence, and enhancing psychosocial well-being. Adv Med Psychol Public Health. 2024;1(3):108-9. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.10897920

24. Ali DA, El Meniari A, Saidi M, Khabbache H. Exploring the TPACK of prospective nursing educators: A national study. Teach Learn Nurs. 2023;18(3):e52-7. DOI: https://doi.org/10.1016/J.TELN.2023.03.016

25. Ali DA, Ncila O, Ouhhamou S, Rizzo A, Chirico F, Khabbache H. Motivations Driving Career Choices: Insights From a Study Among Nursing Students. SAGE Open Nurs. 2024;10:23779608241255876. DOI: https://doi.org/10.1177/23779608241255876

26. Monteiro AS, Martins EM, Pereira LC, Freitas JC, Silva RM, Jorge HMF. Practice of obstetric nurses in humanized childbirth care in a high-risk maternity. Rev Rene. 2020;2:e43863. DOI: https://doi.org/10.15253/2175-6783.20202143863

27. Quinn BG, O'Donnell S, Thompson D. Gender diversity in nursing: time to think again. Nurs Manag (Harrow). 2022;29(2):20-4. DOI: https://doi.org/10.7748/nm.2021.e2010

28. Eswi A, El Sayed Y. The experience of Egyptian male student nurses during attending maternity nursing clinical course. Nurse Educ Pract. 2011;11(2):93-8. DOI: https://doi.org/10.1016/j.nepr.2010.11.012

29. Oliveira OS, Couto TM, Oliveira GM, Pires JA, Lima KTRS, Almeida LTS. Obstetric nurse and the factors that influence care in the delivery process. Rev Gaúcha Enferm. 2021;42(spe):e20200200. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.2020-0200

30. Likis FE, King TL. Gender Diversity and Inclusion in Midwifery. J Midwifery Women's Health. 2020:65(2):193-4. DOI: https://doi.org/10.1111/jmwh.13103

Recebido: 01 de agosto de 2024

Aprovado: 10 de junho de 2025

Publicado: 14 de agosto de 2025

A Revista Baiana de Enfermagem utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/
Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).
Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais.
Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais,
os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos